

**SUNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA**



Trabalho de Conclusão de Curso

Análise do Gnosticismo no século II:
o *Adversus Haereses* de Ireneu de Lião

Jessica Espírito Santo da Silveira

Pelotas, 2022

Jessica Espírito Santo da Silveira

Análise do Gnosticismo no século II:
o *Adversus Haereses* de Ireneu de Lião

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador: DANIELE GALLINDO GONÇALVES

Pelotas, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S587a Silveira, Jessica Espírito Santo da

Análise do gnosticismo no século II : o adversus haereses de Ireneu de Lião / Jessica Espírito Santo da Silveira ; Daniele Gallindo Gonçalves, orientadora. — Pelotas, 2022.
38 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Gnosticismo. 2. Heresias. 3. Ireneu de Lyon. 4. Contra as heresias. 5. Adversus haereses. I. Gonçalves, Daniele Gallindo, orient. II. Título.

CDD : 273.1

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Jessica Espírito Santo da Silveira

Análise do Gnosticismo no século II:
o *Adversus Haereses* de Ireneu de Lião

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 27/06/2022

Banca examinadora:

.....
Prof. Dra Daniele Gallindo Gonçalves (Orientadora)
Doutora em Germanistik/Ältere Deutsche Literatur pela Otto-Friedrich-Universität Bamberg

.....
Prof. Dr. Paulo Cesar Possamai
Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo

.....
Prof. Dr. Vinicius Cesar Dreger de Araujo
Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo

Este trabalho é dedicado à minha família, que sempre esteve ao meu lado e que contribuiu muito na minha caminhada.

Agradecimentos

Agradeço à minha família pelo apoio, em especial ao meu pai Marcelo Carvalho da Silveira e aos meus sogros, por terem cuidado do Kaleb no início da graduação.

Agradeço a todos os meus colegas que estiveram ao meu lado, mas em especial, agradeço à Caroline Melo Armesto, Kezia Dariana de Oliveira Gonçalves e Rodrigo dos Santos Vieira, por terem me apoiado e me incentivado a finalizar o curso.

Agradeço à dona Soila Maria Maciel Braga (*in memoriam*), pelos abraços, carinhos e companhia, serei eternamente grata à senhora.

Sou grata à minha orientadora, Daniele Gallindo Gonçalves, que além de uma orientadora, foi quase minha psicóloga. Obrigada por tornar este caminho mais leve.

Agradeço a todos meus amigos que me acompanharam nessa caminhada.

Obrigada!

Prestai atenção na palavra, entendei o conhecimento (gnose), amai a vida e ninguém vos perseguirá, como ninguém vos oprimirá, exceto vós mesmos.

(Apócrifo de Tiago)

Resumo

SILVEIRA, Jessica Espírito Santo. **Análise do gnosticismo no século II: o *Adversus Haereses* de Ireneu de Lião**. Trabalho de Conclusão de Curso–Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022. 38f. Trabalho de Conclusão de Curso (História – Bacharelado) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

O presente estudo tem como objetivos analisar o gnosticismo no final do século II através da obra de *Adversus Haereses* de Ireneu de Lyon, ressaltando os instrumentos com cunho estratégico manuseados pelo membro das comunidades cristãs para legitimá-las. Apresentaremos, assim, o contexto do século II, durante o qual a religião cristã não era ainda oficial no império e, portanto, buscava vias de legitimação, sendo uma delas a retórica de deslegitimação de outras formas não consideradas legítimas por seus membros. Para tanto, pensaremos, à luz do conceito de poder simbólico (BOURDIEU, 1989), como Irineu constrói a heresia gnósticas em sua obra através de figuras como Simão, o mago, Marcos, Marcião e Valentim.

Palavras-Chave: Gnosticismo; Ireneu de Lyon; Contra as Heresias.

Abstract

SILVEIRA, Jessica Espírito Santo. **Analysis of Gnosticism in the 2nd Century: The Adversus Haereses of Irenaeus of Lyons.** Course Conclusion Work-Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022. 38f. Course Conclusion Paper (History - Bachelor's Degree) - Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

The present research aims to analyze the Gnosticism at the end of the second century through the *Adversus Haereses* of Irenaeus of Lyon, emphasizing the strategic instruments used by the member of the church to legitimize it. We will thus present the context of the second century, when the Christian religion was not yet official in the empire and, therefore, sought ways of legitimization, one of them the rhetoric of delegitimization of other forms not considered legitimate by its members. In this way, we will think, according to the concept of symbolic power (BOURDIEU, 1989), how Irenaeus constructs the Gnosticism as a heresy in his work through figures such as Simon, the Magus, Mark, Marcion and Valentine.

Keywords: Gnosticism; Irenaeus of Lyons; Against Heresies.

Sumário

1 Introdução	10
2 Para um conceitualização de heresia: do geral ao específico.....	15
3 O Gnosticismo como heresia.....	23
4 Considerações finais.....	34
Referências	36
Fonte.....	36
Bibliografia.....	36

1 Introdução

Ao abordar indagações a respeito das heresias, pressupõe-se a análise a partir dos séculos denominados como heréticos pela perspectiva da Igreja Ocidental, isto é, os períodos entre os séculos XII e XIII. No entanto, anteriormente, nos primeiros séculos, as comunidades cristãs contestavam as práticas consideradas por elas como heréticas. A palavra heresia adquiriu outro significado ao longo do período histórico descrito como Idade Média. Em grego, *Háireses* representa ‘escolha’, ‘partido tomado’ e ‘ação de pegar’, metáfora que remete ao gesto de Adão e Eva de ‘pegar’ o fruto proibido, ato que institui o ‘pensamento discordante’ do que foi exigido por Deus (SCHMITT, 2006, p. 503).

Primeiramente, meu interesse de pesquisa eram as heresias na Idade Média, mas dei-me conta de que era um campo muito vasto. Sendo assim, delimitar-me-ei em analisar o gnosticismo no final do século II, tendo como referência *Adversus Haereses* ou *Contra as Heresias*. O tratado foi elaborado em 180 d.C. por Ireneu de Lyon em Gália, o qual é conhecido por ter identificado, examinado e refutado radicalmente o gnosticismo. Os três primeiros livros foram produzidos no decorrer do bispado de Eleutério (175-189), e os dois últimos durante o do bispo Vítor (189-198). Os livros foram escritos originalmente em grego, alguns detinham citações nos textos de Hipólito, Eusébio de Cesareia e Epifânio. A obra de Ireneu foi traduzida em uma versão latina, entre 379 e 420 EC. Salientamos que neste trabalho, será utilizado a tradução de Lourenço Costa. No século XVI, sua obra foi redescoberta por Erasmo, que a organizou, e pelo beneditino Massuet, que a retraduziu, introduzindo subtítulos e a divisão em números e dividiu a obra em cinco livros (RIBEIRO, 2016 apud IRENEU DE LIÃO 1994, p.12).

Pesquisando sobre heresias na Idade Média, constatou-se que o espaço temporal mais utilizado pelos historiadores são os séculos XII e XIII, nos quais encontram-se extensivas pesquisas em variadas línguas a respeito dos movimentos cátaros, por exemplo. Todavia, são poucos os historiadores brasileiros que abordam as heresias dos primeiros séculos. Este trabalho de pesquisa procura preencher esta lacuna historiográfica especialmente na região sul do país, através da fonte *Adversus Haereses* de Ireneu de Lião. O objetivo geral estabelecido é de compreender o gnosticismo na Gália à luz das observações de Ireneu. Na tentativa de analisar a relação entre cristãos e gnósticos, e de atingir o objetivo geral proposto,

estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos: conhecer o processo que originou o gnosticismo; compreender o contexto em que a fonte “*Contra as Heresias/Adversus Haereses*” foi produzida e a relação do poder episcopal com os gnósticos através do tratado de Irineu; analisar a refutação do gnosticismo por Irineu através da construção de uma imagem do gnóstico como um herético.

A metodologia utilizada nesse trabalho de análise trata-se de uma pesquisa documental e bibliográfica, dado que o objeto estudado é o gnosticismo. Neste sentido, o documento fundamental é o tratado *Contra as Heresias* de Irineu de Lyon, cuja especificação da produção foi identificar e refutar os movimentos gnósticos do final do século II.

Primeiramente, a tarefa foi conhecer a fonte e as circunstâncias em que ela foi produzida. Após a primeira leitura da fonte e em conversa com a orientadora, surgiu o interesse de analisar o gnosticismo pela obra de Irineu. Foram lidas e fichadas partes que interessavam diretamente na pesquisa, para que esse primeiro levantamento servisse de base para a análise posterior. Necessitei de outras leituras para melhorar meu entendimento da fonte, visto que a tradução é um pouco arcaica, o que dificultava a compreensão. No campo teórico, as pesquisas de Bourdieu sobre o poder são a base para análise do tratado de Irineu. Diante da busca relacionada ao objeto de pesquisa, a bibliografia fundamenta-se em dois grupos distintos de autores: historiografia e teologia.

No campo da História, trazemos a colaboração das análises de três pesquisadores. Márcio Gonçalves Santos (2009) dedica sua dissertação ao processo de estigmatização e acusação contra os gnósticos por Irineu de Lyon, explanando como o cristianismo configurava-se e identificava-se nos primeiros séculos, bem como salientando como a obra teria sido manuseada pela *ecclesia*, termo utilizado para identificação nos primórdios do cristianismo. Além de Santos analisar o primeiro livro da obra “*Contra as Heresias*” (*Adversus Haereses*), o autor afirma que o trabalho de Irineu detinha como fundamento estigmatizar o gnosticismo cristão a partir da identificação, pautando também as disputas em torno dos mistérios de Cristo, que por consequência ocasiona embates, ressaltando o propósito de Irineu em invalidar o gnosticismo cristão como verdadeiro (SANTOS, 2009).

A segunda autora no campo da História é Lays Silva Stanziani (2015), que expõe instrumentos aplicados por Irineu para combater a falsa gnose e a investida de convencer da idoneidade do cristianismo. A autora frisa também a defesa de Irineu

aos sacrifícios em nome do cristianismo, com a alegação de que o ‘martírio’ tinha como perspectiva o sacrifício que Cristo fez para salvar a humanidade de seus pecados, vendo assim o flagelo como santo digno de Deus. Stanziani pontua como Eusébio de Cesareia também utiliza deste discurso para legitimar o martírio como uma razão superior de combater as heresias (STANZIANI, 2015).

A última autora do grupo de historiadores é Ludimila Caliman Campos, com sua pesquisa intitulada “O poder polarizado: o mestre da fé apostólica na *ekklesia* ‘ortodoxa’ a partir do Contra as Heresias de Ireneu de Lião” (2012). Através de suas análises, Campos estabelece uma dinâmica de poder, apontando diretamente para a *ekklesia*, pelos cristãos ocidentais, salientando a respeito dos meios que a ortodoxia manuseou para combater as heresias. A análise de Campos é referente aos presbíteros do ofício episcopal na obra de Ireneu, de modo a legitimar a *ekklesia*, ou seja, estaria, então, ao ver do autor, como o verdadeiro cristianismo (CAMPOS, 2012). Trata-se de trabalhos importantes nos termos de poder, refutação e estigmatização do gnosticismo.

No segundo grupo de pesquisadores, oriundos da Teologia, o autor Flávio Schmitt, em seu trabalho “Exclusividade e intolerância na Igreja Primitiva” (2015), explana a respeito da tradição e da compreensão cristã, que considerava serem os únicos permitidos a proferir em nome de Jesus, utilizando de intolerância com as manifestações religiosas, o gnosticismo. As comunidades cristãs do século II passaram a combater o gnosticismo, além de evidenciar em seu trabalho a tensão e o conflito do cristianismo primitivo do século II (SCHMITT, 2015).

O teólogo Alessandro Cont aborda a obra de Ireneu em sua dissertação intitulada como “A antropologia de S. Ireneu como resposta à antropologia gnóstica” (2017). Ao longo de sua discussão, o autor refere-se ao Santo Ireneu e à importância que seu trabalho teve para assegurar a integridade dos moldes cristãos. Através da obra *Adversus Haereses*, Cont conseguiu analisar a antropologia cristã pela perspectiva apresentada por Ireneu a respeito das heresias, explanando sobre as interpretações diferentes da Escritura, ação crucial para identificação do gnosticismo (CONT, 2017). As leituras e obras anteriores citadas foram fundamentais para análise do gnosticismo no final do século II.

Algumas considerações são necessárias no que diz respeito a determinados conceitos. Nesse trabalho, será utilizado o conceito de poder simbólico, que se faz fundamental para o entendimento da proposta em si. O conceito de poder simbólico é

produto das análises de Pierre Bourdieu, e aponta a importância de descobrir e reconhecer esse tipo de poder.

Bourdieu dedica um capítulo exclusivo para essa discussão, dividido em quatro subtítulos. Primeiramente ele aponta a arte, a religião e a língua, como estruturas estruturantes, apontadas como *modos operandi*. O próximo capítulo abarca a análise de estruturas estruturadas, ou *opus operatum*. O terceiro subtítulo é a produção simbólica como instrumento de dominação e, no último, o autor aborda os sistemas ideológicos que os especialistas produzem para a luta pelo monopólio da produção ideológica.

O discurso sobre os gnósticos ou contra eles foi uma tentativa de construir uma esfera de poder entre as comunidades de vertentes cristãs, com intuito de se estabelecer como verdade, ciente de que não eram os dominantes. Os cristãos do século II, através dos tratados dos seus membros, precisavam criar estratégias para lidar com a recorrência de novas vertentes do cristianismo, vertentes que não são aquelas desejadas por ela. Um exemplo é o marcionismo, gnóstico identificado por Ireneu de Lyon.

Bourdieu conceitua os sistemas simbólicos de comunicação e conhecimento, que determinam a função de autenticar ou impor domínio. Nesse sentido, utiliza das palavras como poder simbólico, conforme o autor, o poder das palavras num sentido de manter a ordem ou julga ser a ordem na investida de se legitimar através das palavras e daquele que as anuncia (BOURDIEU, 1989, p.15). Podemos perceber a estratégia empregada por Ireneu de identificar, examinar e refutar o gnosticismo como uma forma de tomada de legitimação. Enfim, o objetivo do trabalho de conclusão de curso é analisar o processo que originou o gnosticismo como heresia a partir da obra de Ireneu de Lyon em *Adversus Haereses*, compreendendo todo o contexto em que a fonte foi produzida e posteriormente a utilização de sua obra para legitimação do cristianismo como única fé e a detentora da verdade no Império Romano. Indicaremos brevemente o que será abordado nos próximos capítulos.

Primeiramente, iremos discutir sobre os conflitos envolvendo vertentes do cristianismo que foram identificadas e catalogadas por Ireneu de Lyon, como o caso de Simão, que representava a origem das heresias. A vertente de Simão ia de encontro com a origem da criação. Apontaremos divergências nas vertentes de Marcos com a eucaristia cristã e com as interpretações de Marcião. Concluindo com

a conceitualização do termo de heresia, salientamos a definição e o entendimento de heresia para Ireneu de Lyon em *Adversus Haereses*.

O capítulo sobre o gnosticismo contém a análise a partir do conceito de gnóstico de Ireneu de Lyon. O autor trabalha com dois aspectos: verdadeira gnose é o discípulo que foi apresentado a Deus e as gnosés falsas (gnósticos), por exemplo, como aqueles que praticavam magias e heresias, como os discípulos de Valentim, que usavam nomes considerados nobres, como: pai, criador, senhor e até mesmo Deus. Algumas heresias gnósticas são apontadas por mutilar o evangelho dos apóstolos em *Adversus Haereses*. Ireneu de Lyon manuseou da escrita e tencionou, através de seu tratado, instrumentos de legitimação da vertente cristã como sendo a única e a verdadeira, apresentando qualquer outra vertente derivada do cristianismo como falsa ou como heresia gnóstica.

2 Para uma conceitualização da heresia: do geral ao específico

Neste capítulo, abordaremos o conceito de heresia e como esse termo mudou ao longo dos anos. Sua conotação foi oficialmente apontada no Concílio de Nicéia pelo imperador Constantino, a partir deste concílio, os “outros” que não seguissem o esperado pelas comunidades cristãs, seriam julgados como heréticos.

A história da heresia está associada ao crescimento do cristianismo ao longo dos séculos, porém, desde os primeiros séculos, as comunidades de vertente cristã atuavam na conversão de novos fiéis a partir dos ensinamentos de Jesus Cristo. Nesse sentido, tornou-se necessária a identificação, a catalogação e a refutação de vertentes cristãs que não estavam de acordo com as tradições escolhidas como originais, sendo então consideradas como heréticas.

Alguns conflitos foram teológicos, identificados já no final do século I pelos apóstolos. Um exemplo é o caso do apóstolo João, que escreveu no mínimo três cartas com o intuito de orientar e alertar. De acordo com Frangiotti (1995), as cartas foram escritas com o fundamento de universalizar os ensinamentos de Cristo. O autor afirma que as vertentes combatidas são as que se identificam como o (pré)gnosticismo. No caso do apóstolo João, a denúncia ia de encontro ao docetismo¹.

Os novos convertidos não renunciavam suas tradições, todavia, acrescentavam atos e adorações. Aliás, Ireneu considerava Simão, o mago, como o pai das heresias, indicando-o como responsável por todas elas e pelas posteriores, por práticas de magia e atuação de seus seguidores, os habitantes da Samaria, ações identificadas pelo autor como comparações com Deus.

Além disso, os cristãos desaprovavam determinadas convicções que não precediam dos dogmas cristãos, ou seja, quem poderia ter a magia da cura seria somente quem Deus assim permitisse. Na concepção de Ireneu, não havia ninguém acima de Deus e a permissão era de Deus, para ele, não era o Simão, segue o trecho em que Ireneu denuncia Simão por suas práticas:

Simão, samaritano, é o mago de quem Lucas, discípulo e seguidor dos apóstolos, diz: “Havia, há tempos, na cidade, um homem chamado Simão que praticava a magia e excitava os habitantes da Samaria dizendo ser grande personagem e todos, do maior ao menor, o escutavam e diziam: este é a Potência de Deus, chamada grande. Apegavam-se a ele porque por muito tempo os fascinava com as suas mágicas”. Este Simão fingiu abraçar a fé, pensando que também os apóstolos realizassem curas por meio da magia e

¹ A palavra “Docetistas” é associada à palavra em grego *dokeo*, que significa aparecer ou aparência.

não pelo poder de Deus e que eles tornassem cheios do Espírito Santo os que criam em Deus, por meio da imposição das mãos e de Jesus Cristo (IRENEU DE LIÃO, 1995, I, 23,2).

Embora Simão pertencesse ao gnóstico judaico do I século, a utilização da vertente de Simão seria uma tática de reforçar e desqualificar a heresia gnóstica dos valentinianos, acentuando disputas entre quem detinha a verdadeira crença da salvação. Para o autor, essas condutas eram inaceitáveis, visto que só Deus poderia permitir estas práticas e, segundo Ireneu, os seguidores de Simão não detinham dessa permissão. Inclusive, anos depois, entre 311 e 325 EC, Eusébio de Cesareia dedica-se em um dos seus livros na obra da *História Eclesiástica* e aponta as heresias que Simão, o mago, teria cometido:

A este Simão, pai e autor de tão grandes males, o poder malvado e odiento de todo bem, inimigo da salvação dos homens, destacou-o naquele tempo como grande adversário dos grandes e divinos apóstolos de nosso Salvador (EUSÉBIO DE CESAREIA, XIV, 1).

As inúmeras formas de crenças e práticas do cotidiano foram refutadas, o clero julgava necessário o conhecimento das diferentes manifestações, portanto, era relevante identificar, examinar e denunciar a heresia. Tanto Ireneu quanto Eusébio indicam Simão como a origem de ‘todos os males’, inclusive, sendo Simão o pai de todas as heresias.

O teólogo Roque Frangiotti (1995) esclarece que Simão no século I, foi batizado por Filipe e, antes deste feito, ao ver dos apóstolos, foi um ritual considerável para a conversão de um pagão. Todavia, segundo Frangiotti, antes do batizado, Simão era conhecido em Samaria por conduzir sua vida preferivelmente em torno de mágicas e trambiques, e a partir da concepção de Ireneu de Lyon, os cristãos conseguiram identificar as origens das heresias, conforme Frangiotti:

do sumo deus (Simão), emanara a primeira ideia criadora, *Ennoia*, mãe de tudo; dela saíram as potestades angélicas, os demiurgos que criaram este mundo e expulsaram *Ennoia* na matéria. Estas teria transmigrado por diversos corpos femininos até Helena de *Tiro*, a companheira de Simão. Para libertar *Ennoia* e remir os homens, Simão descerá do céu incógnito, como homem, na Judeia, onde teria sofrido aparentemente como filho, na Samaria, como Pai (FRANNGIOTTI, 1995, p.37).

Os termos aplicados por Simão, como Pai e Filho para justificar as origens da humanidade, reconhecer Helena sua esposa como a mãe e criadora de tudo, igualava-o como o pai de todas as heresias de seu período, sabe-se que os seguidores de Simão continuavam com os preceitos ensinados por Simão, mesmo

após seu batizado. Porém, conforme o historiador Márcio Gonçalves dos Santos, Ireneu manuseia destes argumentos para validar seu discurso contra as religiões derivadas do cristianismo no século II. Santos elabora, assim, uma crítica a respeito do empenho que Ireneu teve para denunciar as vertentes do gnosticismo. Para o autor, Ireneu não deteve de tal coragem para denunciar ações imperiais (SANTOS, 2009, p.78).

Na vertente religiosa de Marcos, além de denunciar como herético, também os associaram à magia. Para Ireneu, os seguidores da doutrina de Marcos foram seduzidos através da “arte de magia”. Sendo então identificado como o gnóstico perfeito ao ver do autor. Segue o trecho em que Ireneu aponta a prática de graça como uma ação identificada pelo tratado, como uma heresia:

Fingindo consagrar no cálice uma bebida misturada com vinho e pronunciando longas invocações, a faz aparecer de cor púrpura ou vermelha. Assim, pode-se pensar que a Graça, por causa da sua invocação, depositou naquele cálice o seu sangue, vindo das regiões supernas. Os que assistem desejam provar da bebida para que se derrame também neles a Graça invocada por este mágico. [...] pega num cálice muito maior do que aquele sobre o qual a extraviada deu graças e, transferindo a bebida do cálice menor, sobre o qual foi feita a eucaristia, para aquele bem maior que ele de antemão preparara, pronúncia estas palavras: Aquela que está antes de todas as coisas, impensável e inexprimível Graça, encha a tua pessoa interior, multiplique em ti a sua gnose, semeando o grão de mostarda em terra boa. (IRENEU DE LIÃO, 1995, I, 13,2).

De acordo com o autor, as práticas religiosas de Marcos eram equivalentes ao ato da celebração eucarística, e render as graças do cristianismo, simbolicamente, tinha a finalidade de relembrar a morte e a ressurreição de Cristo. Na passagem do texto bíblico², a eucaristia era o ritual com elementos considerados “sagrados” para os cristãos, ou seja, a ação de render as graças a partir da celebração da morte e da ressurreição de Jesus.

O autor de *Adversus Hæreses* denuncia de magia e a utilização do sangue de Marcos, ato semelhante ao “pão e vinho” a representação do corpo e o sangue de Jesus Cristo. Como salientou o autor Márcio Gonçalves Santos, quando Ireneu de Lyon estigmatiza a vertente de Marcos, ele tinha a finalidade de desqualificar as suas práticas. De acordo com o autor: “os gnósticos que operavam diretamente com o sobrenatural, tal como Jesus Cristo o fez” (SANTOS, 2009, p. 83), eram apontados

² Por exemplo, na perspectiva cristã de Lucas 22,11: “E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é o meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de mim”.

como magos, e suas ações desviariam mentes e corpos cristãos. A heresia, no contexto de Marcos, era o verdadeiro anticristo por deter da prática do sobrenatural, utilizando de sua gnose para enganar aqueles que o seguiam, oferecendo do seu próprio sangue como forma de render as graças. Santos entende que mesmo que Ireneu dedique-se a denunciar os praticantes de magia.

No século II sucedeu uma divergência a respeito das comemorações pascoais entre as comunidades cristãs no Oriente e do Ocidente. No Oriente, preservavam as comemorações no dia 14 de Nisan, já o Ocidente, celebrava no domingo após o 14 dia Nisan³. Sabe-se que houve discussões entre Policarpo e Anceto. Conforme Mondoni, ocorreram cerca de 155 tentativas de restabelecer a data de acordo com os cristãos (MONDONI, 2014, p. 121).

Policarpo afirma que João e outros apóstolos de Jesus realizavam suas comemorações no 14 dia de Nisan (EUSÉBIO CESAREIA, V, XXIV). Para Policarpo, sua interpretação de comemoração está de acordo com a tradição dos primeiros cristãos. Porém, a mudança de perspectiva sucedeu após o surgimento dos dominguistas, que defendiam o domingo pela ótica de que Cristo teria ressuscitado no domingo. Segue a menção que Eusébio de Cesareia elabora sobre o episódio do bispo Vitor (189-199) sobre os cristãos da Ásia: quando Vitor assumiu o bispado de Roma, em 189 EC: “declarou a prática quartodecimana herética e fez tentativas para excomungar todos os asiáticos adeptos dela. Isso causou a revolta de vários clérigos” (BELMAIA; AMADOR, 2021, p.713), com a ameaça do bispo de excomungar as comunidades cristãs da Ásia Menor, e que continuassem a seguir as comemorações de acordo com as celebrações judaicas.

Então, Ireneu de Lyon tentou pacificar o conflito com o bispo Vitor, justificando o porquê de os cristãos não celebrarem no mesmo dia que as comunidades de vertente cristã. Afirmou que os ‘irmãos’⁴ detinham das mesmas tradições vindas dos apóstolos, porém, em contextos diferentes do cristianismo. Segue o trecho da carta que Ireneu escreveu para o Papa, na investida de interceder:

Efetivamente, a controvérsia não é somente sobre o dia, mas também sobre a própria forma do jejum, porque uns pensam que devem jejuar durante um dia, outros que dois e outros que mais; e outros dão a seu dia uma medida de quarenta horas do dia e da noite. E uma tal diversidade de observantes

³ Páscoa poderia ser celebrada na primeira lua posterior ao equinócio de primavera, independente do dia no Oriente. Já no Ocidente seria no domingo posterior ao equinócio.

⁴ Referia-se as igrejas da Ásia Menor, ou então, os que celebravam a Páscoa oposto aos cristãos do século II.

não se produziu agora, em nossos tempos, mas já muito antes, sob nossos predecessores, cujo forte, segundo parece, não era a exatidão, e que forjaram para a posteridade o costume em sua simplicidade e particularidade. E todos eles nem por isso viveram menos em paz uns com os outros, tanto quanto nós; o desacordo quanto ao jejum confirma o acordo quanto à fé. (EUSÉBIO DE CESAREIA, XXIV, 12,13).

A carta de Ireneu citada anteriormente encontra-se na obra de Eusébio de Cesareia, sugerindo então que o bispo não rompesse com as igrejas. Entendemos que o autor de *Adversus Haereses* era contra os hábitos de jejum e a controvérsia na datação da Páscoa, todavia, estariam no ‘acordo quanto à fé’, dando a entender que seguiam os preceitos do cristianismo dos apóstolos. O ato de intervir a favor dos cristãos do Ocidente permitiu, naquele contexto, que nenhuma comunidade cristã fosse excomungada.

Compreendemos, a partir das divergências entre as práticas de graças, mencionadas por Ireneu quando se refere à eucaristia de Marcos e o manuseio de magia, que a identificação do conflito pascoal estava presente nos primeiros séculos. E a refutação de Ireneu determinou, via poder simbólico (BORDIEU, 1989) da escrita, quem poderia manusear do ritual de render as graças. O autor criticou Marcos após utilizar o conhecimento para o preenchimento do interior humano, segue: “encha a tua pessoa interior, multiplique em ti a sua gnose” (IRENEU DE LIÃO, 1995, I,13,2). Ou seja, a heresia gnóstica de Marcos não identifica Cristo como seu salvador, e nem a utilização da adoração a Deus para render a graça ou preencher o “vazio da humanidade”, mas o fundamental de Marcos mencionado por Ireneu, era a multiplicação do conhecimento para a salvação da alma.

É importante salientar que no final do século II, o cristianismo não era conhecido ou permitido como sendo uma religião, resultando em perseguições, além dos declarados ou acusados de serem cristãos serem condenados ao martírio após julgados. O intuito de escrever sobre as heresias gnósticas de Simão, o mago, Marcos, entre outros que serão abordados no próximo capítulo, era fomentar uma noção de verdadeira fé cristã e uma busca pela legitimação entre as ramificações que estavam surgindo. O autor de *Adversus Haereses* expõe em um segmento sobre práticas discordantes da perspectiva cristã:

Marcião, que mutila o Evangelho segundo Lucas, demonstra-se blasfemador do único e verdadeiro Deus, pelos simples fragmentos que ainda conserva. [...] Marcião, que mutila o Evangelho segundo Lucas, demonstra-se blasfemador do único e verdadeiro Deus [...] (IRENEU DE LIÃO, III, 11,7).

Ireneu de Lyon afirma que os praticantes de heresias eram os mutiladores da palavra, utilizavam de interpretações errôneas e usavam de magia para enganar os que acreditavam na salvação através dela, além de manusear palavras do seio cristão para consagrarem como verídicos.

O termo heresia sofreu alterações entre a Antiguidade Tardia e todo período denominado como Idade Média, por exemplo, *háiresis*, em grego, significa “escolha”, “partido tomado” e “corrente de pensamento” (FRANGIOTTI, 1995, p. 6), além de ação de ‘pegar’. Ou seja, o termo pode ser relacionado com o ato de pegar o fruto proibido de Eva e Adão, sucedendo-se o primeiro pecado ou pensamento divergente de Deus. Salientamos que a ação de Eva desobedecer a Deus não seria considerada uma heresia, visto que o termo era utilizado para o cristão que se afastasse das leituras oficiais da escritura dos apóstolos, e nesse caso, como o primeiro pecado original da humanidade.

Na antiguidade tardia, o termo está diretamente relacionado às questões teológicas da prática cristã. Para compreender o termo heresia nos primeiros séculos, vale ressaltar que o cristianismo estava em seus primeiros anos de ‘vida’, e as escrituras dos apóstolos foi o alimento para que o cristianismo crescesse, porém nem todos tinham a mesma percepção. Os padres ficaram responsáveis de distinguir pensamentos discordantes, então, era necessário padronizar. De acordo com Ireneu, o Marcianismo, detinha da prática de recortar partes da Escritura e torná-la como verdadeira. Segue trecho da obra de Ireneu:

[...]Marcião mutilou o evangelho segundo Lucas, eliminando tudo o que se refere à geração do Senhor e expungindo muitas passagens dos ensinamentos do Senhor nas quais este reconhece abertamente como seu Pai o criador do universo. Fez crer aos seus discípulos ser ele mais verídico do que os apóstolos que transmitiram o evangelho, entregando-lhes nas mãos não o evangelho, mas uma parte do evangelho (IRENEU DE LIÃO, I, 27,2).

Os recortes elaborados por Marcião e mencionados por Ireneu eram manuseados com a finalidade de manter verdadeira somente a parte em questão, eliminando o restante. De acordo com o autor, a heresia, em sua obra, refere-se aos ‘falsos profetas’, isto é, determinadas vertentes que reconhecem as Escrituras, porém as interpretam diferente do cristianismo. Segundo o autor, o gnóstico de Valentim

desconhece a origem do criador, utilizavam de nomes nobres, mas na teoria se mostram blasfematórios (IRENEU DE LIÃO, III, 12, 12).

Heresia, nos primeiros séculos, como exposto anteriormente, é elucidada por Frangiotti como a negação ou pregação distinta do evangelho (escrituras), conflitando com as autoridades apostólicas. De acordo com o autor, a heresia no âmbito do cristianismo primitivo refere-se à pregação dos falsos profetas, falsos mestres e dos que não acompanham as doutrinas (FRANGIOTTI, 1995, p.6). Ou seja, se induzir ao “erro” ou assimilar o evangelho divergente da doutrina cristã era considerado como herético no contexto da antiguidade.

O historiador José D’Assunção Barros (2012) explana a respeito do termo sofrer variações ao longo dos séculos, de acordo com a expansão eclesiástica. Segundo Barros, a heresia era um pensamento religioso que se desviava do pensamento reto (ortodoxo), estes então eram encontrados no recinto cristão. O paganismo era o não cristianizado e adorava alguns deuses, ou seja, neste contexto, o pagão e o herético eram posicionamentos divergentes dos cristãos, mas a heresia detinha o peso maior por se tratar do campo teológico (BARROS, 2012, p. 56).

O intuito dos surgimentos de ramificações do cristianismo, conceituado como heresias, sucedeu principalmente no pensamento discordante interior das comunidades cristãs. Primeiramente, com a necessidade de identificar os heréticos, foi necessário a catalogação por parte dos ‘pais da igreja’⁵, denominação para os detentores da verdadeira religião do cristianismo. Porém, após o cristianismo se tornar a única religião do império, suas obras foram manuseadas para firmar o que entendiam como ‘verdadeira fé’ e combater as heresias.

O propósito de Ireneu de Lyon em elaborar um tratado com intuito de torná-las conhecidas no âmbito cristão era combater as heresias via escritos, com aspecto de poder, um poder simbólico (BOURDIEU, 1989). Importante salientarmos que voltaremos a abordar detalhadamente o conceito de Bourdieu no próximo capítulo. A prática de apontar o “outro” como herético era uma maneira de exercer o poder, de restringir o que poderia ser aceito ou não no âmbito cristão.

A adesão de novos convertidos na religião cristã resultou em ramificações diversificadas do cristianismo. No início dos primeiros séculos, por meio de tratados escritos por padres, na concepção cristã, foi necessário a identificação de vertentes

⁵ Os padres das Igreja ficaram conhecidos até os primeiros séculos.

que não coincidiam com os preceitos cristãos. Porém, ressaltamos que, com a expansão cristã, as vertentes identificadas como heresias ampliavam seus seguidores.

O termo heresia sofreu transformações no decorrer dos séculos, como mencionado anteriormente. A definição de heresia, no contexto geral, é a vertente religiosa que se opõe aos preceitos originais dos dogmas cristãos. Ireneu de Lyon apontou Simão como o pai de todas as heresias que surgiram após ele. A heresia, no caso de Ireneu de Lyon na obra de *Adversus Haereses*, estava relacionada aos falsos profetas que mutilavam o evangelho, utilizavam de má fé ou da magia, com intuito de cativar novos discípulos. A obra será manuseada nos séculos posteriores em um concílio por Eusébio de Cesareia, para identificar a heresia de Ário.

3 O Gnosticismo como heresia

A palavra “gnóstico” em grego, *gnostikoi*, em um conceito geral, aplica-se às vertentes combatidas pelos padres no período conhecido como pré-cristianismo. *Gnostikos* deriva da palavra *gnosis*, o sentido de *gnosis*⁶ significa conhecimento ou (ato) de conhecer. Por exemplo, quando se é apresentado a uma pessoa ou religião, que o indivíduo não conhecia. Porém, se as pessoas detêm um longo período de interação (conhecimento), pode-se dizer então que a palavra para esse ato em grego é *gignoskein*⁷. A partir do conhecimento adquirido, passou-se a ter uma “gnose” desta religião. Vale ressaltar que *gnosis* era uma palavra comum nos primeiros séculos (LAYTON, 2002, p.9).

Em um dos livros que contempla a obra, denominado como “Doutrina Cristã”, Ireneu, em uma tentativa de distinguir o termo “gnose” do gnosticismo pela percepção do conhecimento cristão, esclarece como se identifica a gnose de salvação: “Esta é a gnose da salvação [...] é o conhecimento do Filho de Deus que é chamado e é realmente Salvação” (IRENEU DE LYON, III, 10,3). Ireneu partiu do princípio de que a única gnose verdadeira era a que incluísse o cristianismo pela ótica dos apóstolos.

Ireneu não só identificou os que pertenciam à heresia gnóstica, como também salientou e exemplificou as atitudes que mostravam os discípulos cristãos como verdadeiros gnosés: todos aqueles que consultavam as “doutrinas dos apóstolos” e não as modificavam (referindo-se às escrituras ‘fiéis’ dos apóstolos⁸). Importante destacar que a utilização da escrita para instruir quem detinha da verdadeira gnose (conhecimento) foi uma maneira de demonstrar poder simbólico (BOURDIEU, 1989) através de tratados.

As menções de textos bíblicos na obra de Ireneu, citarei o exemplo de Coríntios, tornou-se um instrumento de fundamentação para legitimar o cristianismo. Ireneu indicava comportamentos aceitáveis para os discípulos cristãos que detinham do conhecimento verdadeiro. Em *Adversus Haereses* é possível observar o poder do julgamento para a identificação de outras vertentes, neste caso, o gnosticismo:

Um discípulo verdadeiramente espiritual, que acolhe o Espírito de Deus presente desde o início a todas as economias de Deus em favor dos homens,

⁶ Alguns autores escrevem *Gnōsis*.

⁷ Alguns autores escrevem o termo *gnōskein*.

⁸ Maneira utilizada pelo autor, para separar os cristãos que detinham da verdadeira gnose, seriam apenas os que conservaram os escritos dos apóstolos.

que anuncia o futuro, revela o presente e descreve o passado, 'julga todos e ele não é julgado por ninguém'⁹.

Julga os pagãos que serviram à criatura em lugar do criador [...]. Este discípulo saberá também avaliar a doutrina de Marcião [...]. Este discípulo julgará também todos os valentinianos [...]. Este discípulo julgará ainda as bacharelices dos gnósticos e suas falsas opiniões, mostrando que são discípulos de Simão, o mago.

Este discípulo julgará também os falsos profetas que sem ter recebido de Deus o carisma profético, e sem o temor de Deus, mas por vanglória, ou por interesse qualquer, ou pela influência de algum mau espírito, fingem profetizar, mentindo acerca de Deus (IRENEU DE LIÃO, IV, 33).

Ireneu salienta sobre atitudes que necessitam ser seguidas, para que o indivíduo, então, seja reconhecido como o verdadeiro discípulo espiritual. Além disso, estabelece regras para identificar “o outro”, indicando, na sua explanação, as vertentes que poderiam ser refutadas. Táticas através do julgamento em relação aos ‘falsos profetas’, neste caso, as heresias gnósticas. Foi um meio utilizado para legitimar o cristianismo.

Todavia, para os autores que trabalham com o gnosticismo, no caso Bentley Layton¹⁰, os gnósticos compreendiam que Deus era a última gnose, ou seja, um nível superior de conhecimento. De acordo com o autor: “Os gnósticos antigos descreviam a salvação como um tipo de *gnōsis*, ou conhecimento, e o último objeto de conhecimento era nada menos que deus. (LAYTON, 1987. p.9)”. Consideramos, então, que tanto para os padres das igrejas, quanto no gnosticismo antigo, pontuado por Layton, tinha o objetivo de salvação através do conhecimento (*gnōsis*) de Deus. Abordagem de Ireneu centralizava na refutação que tanto Valentim quanto outros gnósticos não poderiam conhecer Deus, Ireneu fundamentou sua contestação em “como pode ser incognoscível se eles o conhecem? Tudo o que é conhecido, ainda que por poucos, já não é incognoscível” (IRENEU DE LIÃO, IV, 6,4). O embate entre os gnósticos e as comunidades cristãs que Ireneu representava o questionamento do conhecimento de Deus, fundamentando a partir dos ensinamentos de Paulo, Deus é incognoscível.

Importante destacar que o gnosticismo possuía ramificações, por exemplo, na obra de *Adversus Haereses* é possível encontrar várias, mas citaremos brevemente dois: o gnosticismo platônico e o gnosticismo cristão¹¹. O platônico¹² estaria associado

⁹ A passagem referida pelo autor encontra-se em 1 Co 2:15.

¹⁰ O professor Bentley trabalha com cristianismo antigo História do cristianismo e gnosticismo através da descoberta de Nag Hammadi.

¹¹ Na obra é possível observar um hibridismo nas correntes de pensamento.

¹² Relacionado aos questionamentos filosóficos.

ao dualismo/metafísica, abordagem que para o autor estaria associada às questões do “bem e do mal”. Ou seja, as dualidades do platonismo com o gnosticismo estavam vinculadas às questões de “ser” ou “não ser”, significando estar dentro ou fora do pleroma¹³ (IRENEU DE LIÃO, II, 14,3).

A influência de Platão e de filósofos, segundo relato de Ireneu, correspondia também ao sistema gnóstico, identificando que o “ser” poderia significar os átomos ou éons, ou seja, se estivessem alcançado o espaço do pleroma, estariam em uma alta elevação de salvação. Porém, no sentido do “não ser” se estivessem fora do pleroma, conforme Platão denominava como o vazio, não pertencimento a nenhum um lugar. A criação do mundo para os filósofos na percepção de Ireneu, estava relacionada com a formação da matéria pelo Demiurgo.

O autor Alexandre Cont relaciona as influências platônicas com o gnosticismo no sentido dualista, visando a alma espiritual como sendo essencial para a salvação. A postura de Platão, apontada por Cont, correspondia à busca da verdade, à identificação da alma e à racionalidade a partir dos textos bíblicos (CONT, 2017, p.19). Embora, Ireneu tenha criticado a ação de esquecimento e o dualismo de Platão, o autor demonstra uma certa simpatia ao referir-lo: “Bem mais religioso do que eles, parece Platão, que reconheceu um Deus, ao mesmo tempo justo e bom (IRENEU DE LIÃO, III, 25,5). Esse pensamento se refere à comparação entre Marcião e Platão.

Conforme expôs Ireneu, o gnosticismo cristianizado seria um sistema que envolvia conceitos considerados pelo autor como “mitológicos”, envolvendo a criação do mundo que foram influenciados pelos ensinamentos de Cristo. Portanto, o questionamento referente à heresia gnóstica, sobretudo no *Adversus Haereses*, era criticar a prática esotérica. Segundo Ireneu, a vertente tinha como intuito ser exclusiva, para um grupo seletivo da elite. Segue relato do autor no qual pontua a caracterização e o fundamento do sistema gnóstico:

Eles dizem que existia, nas alturas, invisíveis e inenarráveis, um Éon perfeito, anterior a tudo, que chamam Protoprincípio, Protopai e Abismo. Incompreensível e invisível, eterno e ingênito que se manteve em profundo repouso e tranquilidade durante uma infinidade de séculos. Junto a ele estava Enóia, que chamam também Graça e Silêncio. Ora, um dia, este Abismo teve o pensamento de emitir, dele mesmo, um Princípio de todas as coisas; essa emissão, de que teve o pensamento, depositou-a como semente no seio de sua companheira, o Silêncio. Ao receber esta semente, ela engravidou e gerou o Nous, semelhante e igual ao que o tinha emitido e que é o único

¹³ Para vertente originária de Platão, seus seguidores estariam fora do pleroma, ou seja, para os filósofos nomeiam como “vazia”.

capaz de entender a grandeza do Pai. Este Nous é também chamado Unigênito, Pai e Princípio de todas as coisas. Juntamente com ele foi gerada a Verdade e esta seria a primitiva e fundamental Tétrada pitagórica que chamam também Raiz de todas as coisas. Ela seria composta pelo Abismo e o Silêncio, o Nous e a Verdade. O Unigênito, tendo aprendido o modo como foi gerado, procriou, por sua vez, o Logos e Zoé, Pai de todos os que viriam após ele, Princípio e formação de todo o Pleroma. Por sua vez, foram gerados pelo Logos e Zoé, segundo a sizígia, o Homem e a Igreja. Esta seria a Ogdôada fundamental, Raíz e substância de todas as coisas, que por eles é chamada com quatro nomes: Abismo, Nous, Logos e Homem. Cada um deles é masculino e feminino, da seguinte forma: inicialmente o Protopai se uniu, segundo a sizígia, à sua Enóia, que eles chamam também Graça e Silêncio; depois o Unigênito, também chamado Nous, uniu-se à Verdade; depois o Logos, à Zoé; por fim, o Homem, à Igreja (IRENEU DE LIÃO, I,1,1).

Para compreensão do sistema gnóstico apontado por Ireneu, iremos observar as nomenclaturas utilizadas no gnosticismo para explicar a criação do mundo. O autor pontua sobre o Éon perfeito, que poderia também ser mencionado similarmente como Protoprincípio, Protopai e Abismo. O Éon perfeito, citado por Ireneu, seria Deus, e este tinha uma companheira denominada Enóia, divindades referenciadas também como Graça e Silêncio.

O Abismo e o Silêncio tiveram dois filhos, Nous e Verdade. Nous, semelhante ao seu Pai, é apontado como Unigênito, porém, a Verdade seria a origem de todo o sistema, com pares identificados como femininos e masculinos. A partir de Nous, se originariam outros éons, resultando na criação do Pleroma¹⁴, que é a salvação do plano material para o espiritual.

O principal aspecto do sistema gnóstico foi o Pleroma, visto que era uma maneira de explicar a origem e o destino da humanidade, para então responder questionamentos pré-existenciais do século II. Citaremos autores que melhor dialogam com a exposição do gnosticismo no *Adversus Haereses*. Neste caso, apontaremos autores como Roque Fragiotti (1995), Márcio Gonçalves dos Santos (2009) e Danilo Mondoni (2014), que elucidam a respeito da estrutura do sistema gnóstico cristão identificado por Ireneu de Lyon como sendo a criação do mundo a partir dos éons. Danilo Mondoni exemplifica o hibridismo resultante do cristianismo:

Os gnósticos fazem de Cristo Éon superior, um Nous Enviado por Deus para revelar aos homens o Deus supremo e verdadeiro até então desconhecido ele ensinar como superar a matéria. Esse Éon apoderou-se de Jesus de Nazaré no momento em que foi batizado no Jordão. Daí por diante sua mente se iluminou e compreendeu que a sua missão era levar aos homens a verdadeira gnose, isto é, o verdadeiro conhecimento que é o evangelho para

¹⁴ Pleroma teria sido organizado por Demiurgo (éon), em que foi confiado por Sophia (Sabedoria) para criar o mundo material.

libertar os homens da matéria. Assim, operou a Redenção. quando o evangelho completar sua obra na Terra, todas as parcelas do espírito Divino, aprisionadas na matéria, voltarão ao pleroma do Deus pleroma (FRAGIOTTI, 1995, p.34).

De acordo com Fragiotti (1995), o gnosticismo assemelha-se aos fundamentos de salvação a partir de Jesus, porém descarta a matéria, O que aponta uma dualidade. A matéria era ruim, ou seja, o mundo material seria o mal e a elevação do espírito, a partir da Pleroma, seria o bem. Aquele que atingisse a plenitude do Pleroma estaria liberto do plano material (corpo). Neste sentido, apenas o espírito proporcionaria a salvação divina, voltando então para o ProtoPai (Abismo).

Santos esclarece que a estrutura da vertente gnóstica estava centrada na deturpação do corpo material e enaltecia o espírito como sendo a divindade. O autor aborda a respeito da questão relacionada à ideia de paraíso a partir do pleroma. De acordo com Santos: “Cristo como um Éon que veio para libertar os homens da subjugação do demiurgo, outros entendiam-no como o Éon que criou o demiurgo (SANTOS, 2009, p.42)¹⁵. É nesse aspecto que Cristo seria um elo para o Pleroma, ou seja, uma conexão entre o material e o espiritual.

Danilo Mondoni sintetiza o gnosticismo como elementos que caíram do Pleroma. Embora caídos do mundo divino, ainda detinham sua divindade interior, o “espírito”. Para o autor o gnosticismo estaria associado ao Deus das escrituras do antigo testamento, ele salienta os elementos fundamentais na sua ponderação acerca da estrutura gnóstica, pontuando as principais perspectivas:

Dualismo metafísico: ao Reino da luz (pleroma), derivado de Deus, contrapõe-se o Reino das trevas e do mal, derivando da matéria incriada, eterna e essencialmente má.

Emanação de uma série de seres intermediários (éons) entre Deus e o criado; os éons emanam de Deus.

Origem do mundo: mistura de elementos do Reino da luz com a matéria dando origem ao elemento material para a formação do mundo[...]; O elemento material foi reorganizado pelo último éon, o demiurgo, identificado e ficado com Javé [...].

Redenção: Libertação das centelhas de luz aprisionadas na matéria isso é a restituição ao meio da luz por obra de um éon superior que ou assume um corpo aparente ou desce sobre o homem Jesus.

De visão dos homens: [...] pneumáticos ou gnósticos: os perfeitos que participaram na plenitude da redenção (MONDONI, 2014, p.111).

¹⁵ O autor também salienta em seu trabalho, que esta seria uma das correntes gnósticas. Ou seja, seria uma das interpretações que envolviam o cristianismo e o sistema de origem do gnosticismo.

O autor corrobora para a compreensão do gnosticismo a partir do dualismo (bem e mal). A emanção, como exemplificado por Mondoni, poderia ser interpretada como uma ponte, ou seja, os éons seriam os intermediários e representariam Deus, assim como a redenção representa a libertação do espírito da matéria por um éon superior, no caso, Jesus. Em um primeiro momento, o sistema gnóstico exposto por Ireneu de Lyon apresentou uma certa complexidade nas terminologias da criação. Tais análises nos permitiu compreender as particularidades do gnosticismo.

O intuito do primeiro livro da obra de Ireneu era rejeitar qualquer vertente que não seja a dos apóstolos. Os gnósticos foram catalogados com o objetivo cristão de serem denunciados no tratado como hereges, em razão de se opor ao universalismo da salvação. Os heréticos são os que manusearam erroneamente as escrituras apostólicas e introduziram o conhecimento como único meio de elevação espiritual. A obra *Adversus Haereses* esclareceu o propósito de Ireneu de invalidar o gnosticismo de Valentim, apontando-os como falsos profetas.

Primeiramente pontuamos que o intuito de produzir o tratado (*Adversus Haereses*) elucidando toda uma teoria de heresia gnóstica de como combater diretamente os valentinianos, de acordo com afirmação de Ireneu: “Refutados os valentinianos, refutada está toda a multidão dos hereges” (IRENEU DE LIÃO, II, 31,1) era demonstrar a unicidade do cristianismo e refutar qualquer vertente que não estivesse de acordo com os ensinamentos dos apóstolos. Entre as identificações do sistema gnóstico, perseguições e refutações, o pré-cristianismo exerceu, através das palavras, os limites do aceito, com o objetivo de validar como único o cânone cristão.

O conceito de poder simbólico de Pierre Bourdieu foi essencial para esclarecer as práticas aplicadas para a produção do *Adversus Haereses* e as perseguições de vertentes distintas do cristianismo no II. Consideramos destacar que o cristianismo não era uma religião considerada legítima no Império Romano, ou seja, no contexto histórico da Antiguidade tardia. A partir do poder simbólico, através da construção dos tratados, as comunidades cristãs obtiveram vantagens na tentativa de disseminar os ideais cristãos. Conforme Pierre Bourdieu, algumas produções foram produzidas com intuito de serem instrumentos de dominações¹⁶.

São instrumentos utilizados pelos padres cristãos que desejavam ser reconhecidos por deter do único caminho de salvação, por possuírem o poder

¹⁶ O autor pontua a respeito de ideologias no sistema de poder simbólico, visto que se adequa, também, na produção de algo para o coletivo, pela ótica de um grupo específico (cultura dominante).

simbólico da escrita, com o propósito de separar os ‘pensamentos discordantes’, ou seja, as heresias. Bourdieu (1989) explana que a partir de determinados princípios em caráter, tanto de unir quanto separar, através do meio de comunicação, como um instrumento de poder, segue:

A cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediários de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante. (BOURDIEU, 1989, p.11).

Ressaltamos que, embora as comunidades cristãs não possuíssem o poder que começou a ter no século IV, utilizava de funcionalidade da comunicação (escritos e tratados cristãos) para impor sua crença como sendo legítima e oriunda das escrituras dos apóstolos. O conceito de poder simbólico é produto das análises de Pierre Bourdieu, que aponta a importância de descobrir e reconhecer esse tipo de poder. Nesse sentido, Pierre Bourdieu afirma que:

é necessário saber descobri-lo onde se deixa ver menos onde ele é completamente ignorado, portanto reconhecido: o poder simbólico, é um efeito, com esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que exercem (BOURDIEU, 1989, p. 8).

O autor fundamenta a respeito das funções políticas dos sistemas simbólicos para especificações das produções simbólicas, como instrumento de dominação, associando com os interesses da classe dominante. Conforme o autor, o poder simbólico é um poder quase mágico que permite obter o equivalente ao que é obtido pela força física. Entende-se que o poder simbólico é um aspecto indistinguível e ao mesmo tempo autêntico. De acordo com o autor:

O poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos em forma de uma *illocutionary force*, mas que se define uma relação determinada, entre os que exercem o poder e os que lhes estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença (BOURDIEU, 1989, p.14).

O poder simbólico, sucintamente, é um poder estruturado na escrita, via crença, ou seja, a produção (tratados) está diretamente relacionada com os sujeitos dominados a partir da utilização de sistemas simbólicos pelo cristianismo, via o poder da escrita de padres para assegurar a manutenção da religião cristã e assegurar a

conservação da exclusividade estabelecida. O padre Ireneu de Lyon, ao mencionar os discípulos de Valentim em sua obra, apontando-os como profano, exerce o poder simbólico da escrita como uma denúncia:

[...] os valentinianos, por sua vez, usam nomes mais nobres, proclamando o Criador Pai, Senhor e Deus, mas seu propósito e sua teoria se revelam mais blasfematórios, ao dizerem que ele não foi produzido por algum dos Éões do Pleroma, mas pela desviação que foi expulsa do Pleroma [...] (IRENEU DE LIÃO, III, 12, 12).

A crítica na obra de *Adversus Haereses* ao gnosticismo de Valentim, justifica que a criação não poderia ter ocorrido pelo pecado (desvio). Ireneu mostrou na vertente de Valentim a criação mediante o Pleroma como positivo, visto que, na crítica, a criação está diretamente fora do Pleroma resultante de um desvio. O autor dedicou-se em invalidar qualquer ensinamento procedente de seus discípulos, utilizando do poder simbólico por meio das “imposições simbólicas, revelando a realidade objetiva por detrás das construções arbitrárias” (ROSA, 2017, p.8).

Desse modo, pretendiam tornar o cristianismo como única religião detentora da verdadeira fé e legítima procedente das escrituras antigas (apóstolos), por intermédio de instrumentos através dos quatro evangelhos, com o objetivo de legitimar um único cânone através dos Tratados Heresiológico¹⁷. De acordo com Lays Silva Stanziani, a escrita identificada na obra de Ireneu e de outros tratados, tinha a finalidade de demonstrar as doutrinas (falsas) a serem contestadas ou refutadas (STANZIANI, 2015, p.7). A autora analisou, assim, os instrumentos que Ireneu manuseou para acusar e combater o gnosticismo:

devemos considerar que as obras de Ireneu a que temos acesso hoje apresentam duas propostas: o combate ao gnosticismo e a transmissão da verdadeira doutrina. Portanto, devemos levar em consideração que os trabalhos de Ireneu se norteavam por aquilo considerado por ele verdadeiro (STANZIANI, 2015, p. 8).

Stanziani explana sobre a intenção de combater o gnosticismo como uma ameaça ao dogma cristão e da tentativa de preservar a doutrina cristã utilizando a influência dos padres. Em outras palavras, ele denominava quem poderia ser identificado como verdadeiro (cristão) e os falsos (gnosticismo). Quando o autor

¹⁷ O tratado de Ireneu foi considerado pioneiro nas investigações contra as heresias.

aponta Valentim e seus discípulos ou outras vertentes gnósticas, menciona-os como: “falsamente apelidados gnósticos que pretendem que algumas das realidades contidas nas Escrituras foram pronunciadas ora por uma potência suprema” (IRENEU DE LIÃO, IV, 35,1).

Conforme Stanziani, as comunidades cristãs manuseavam o Antigo Testamento para fomentar seus ideais, a mesma ressalta que o contexto histórico do século II, incluía os cristãos judeus, todavia, eles não fomentavam a inquietação de Ireneu (STANZIANI, 2015, p.12). Ou seja, o uso dos quatro evangelhos exercia alguma forma de controle na tentativa de exercício do poder para combater as vertentes cristãs do gnosticismo. A autora Ludimila Caliman Campos (2012), explana em seu trabalho a respeito do poder, todavia, a autora enfatiza no âmbito da polarização¹⁸.

O que incomodou Ireneu no sistema gnóstico foi a rejeição da matéria. Conforme Campos (2012), além da matéria, o gnosticismo ignorava qualquer autoridade terrena, ou seja, instituições políticas e religiosas (CAMPOS, 2012, p. 134). Para o sistema de crença com teor no gnosticismo cristão apontado por Ireneu, a salvação consistia apenas no autoconhecimento. A prioridade em combater o gnosticismo também abarcava a prioridade de autolegitimação mediante a centralização dos dogmas cristãos, através da identificação dos cristãos denominados como presbíteros.

Stanziani (2015) explanou a importância que as Escrituras tiveram para tornar o cristianismo o mais unânime possível (2015, p.13). Já Campos (2012), em seu esquema de análise quantitativo, objetivou identificar quantas vezes os termos referente à bispo e presbítero foram mencionados na obra de *Adversus Haereses*¹⁹. Além disso, o termo referente a presbítero era mencionado como um instrumento de legitimação, sendo visto como o sucessor verdadeiro dos apóstolos (CAMPOS, 2012, p. 136). Além do Antigo Testamento, Escrituras dos apóstolos (Novo Testamento) e cartas direcionadas entre membros episcopais, foram utilizadas com a finalidade de manter a originalidade de um único cânone.

¹⁸ A análise que autora elaborou sobre a centralização do poder, através, manuseio de tratados, no caso, “Contra as Heresias” de Ireneu de Lyon.

¹⁹ Campos identificou cerca de 20 referências para nomenclatura de bispo e 23 citações para presbítero nos cinco livros de Ireneu.

Campos explicitou sobre o “carisma” como um instrumento de autenticar a fé cristã. O carisma da verdade seria manifestações de dons espirituais em autoridades reconhecidas, ou seja, os apóstolos detinham do carisma perfeito (2012, p.143) e também os cristãos que seguiam as doutrinas. Ireneu elabora uma menção no julgamento do gnosticismo, onde admitiu que os falsos que fragmentavam as escrituras, identificados como falsos profetas, não detinham carisma, segue: “Este discípulo julgará também os falsos profetas que sem ter recebido de Deus o carisma profético [...]” (IRENEU DE LIÃO, IV, 33,6). Somente os cristãos que detinham o poder de reconhecer e julgar os falsos profetas, poderiam ser reconhecidos com discípulos possuidores da verdadeira gnose (conhecimento) cristã.

Sobre os instrumentos de validação, apontados anteriormente, podemos citar a análise de Alessandro Cont. De acordo com Cont, Ireneu de Lyon manuseou escritos identificados na bíblia cristã, a discussão do autor se norteava na criação do mundo e no combate ao sistema gnóstico, exemplificando os instrumentos utilizados, via gêneses, por Ireneu. O autor esclarece em seu estudo o funcionamento da antropologia do Ireneu:

A antropologia do Ireneu descreve-se segundo uma ordem precisa: primeiro o modelo, logo a sua animação que o constitui ‘homem animal’, finalmente o ‘homem espiritual’ com a comunhão do Espírito. Nesta perspectiva antropológica, o homem propriamente dito é o do modelo, formado por Deus do limo da terra segundo a sua ‘imagem e semelhança’. (CONT, 2017, p.49).

O teólogo Cont trabalha ao longo de seu texto com a defesa das doutrinas cristãs de Ireneu de Lyon em *Adversus Haereses*. Relacionou o embate entre o homem animal (matéria) e o homem espiritual (espírito), dualismo existente na vertente gnóstica, e reconheceu a matéria como ruim e o espírito como sendo bom. O discurso defendido por Ireneu foi em defesa da unicidade da criação.

A abordagem de Cont esclarece a luta dos bispos em combater teorias associadas à origem do mundo, o conflito envolvia narrativas em caráter de salvação (CONT, 2017, p.110). Ireneu de Lyon fundamentava sua defesa via relatos bíblicos, o texto de gêneses foi utilizado por Ireneu para corroborar a origem do mundo e enfatizar a salvação por Cristo (CONT, 2017, p.114). O trabalho de Cont expõe a concepção em torno do que foi aceitável, a partir da perspectiva de Ireneu com o único objetivo de reivindicar a representação legítima e verdadeira da salvação.

A luta em tornar o cristianismo como único e exclusivo no caminho reto, pertencia aos padres nos primeiros séculos. Embora existisse um esforço para fortificar o cristianismo em torno da ideia de “Salvação, Deus e Igreja”, o cristianismo transformou-se, em parte, a partir da intolerância a qualquer vertente cristã ou não.

O autor Flávio Schmitt salientou a respeito de autores que dedicaram a manter o exclusivismo do cristianismo, entre eles está Ireneu de Lyon, Hipólito de Roma (170-236 EC)²⁰ e Epifânio de Salamina (315-403 EC)²¹. As obras foram elaboradas em contextos históricos diferentes, porém, a preocupação era a mesma, combater as heresias gnósticas (SCMITT, 2015, p. 177). A intolerância na comunidade cristã sucedeu de caracterização e identificação do “mal” nas vertentes cristãs do gnosticismo e do “bem” no cristianismo procedente das escrituras apostólicas.

Desse modo, percebemos que toda discussão elaborada em tratados cristãos, especificamente na obra de *Adversus Haereses* de Ireneu de Lyon, tinham a finalidade de conhecer, catalogar e refutar as vertentes gnósticas a partir do manuseio de escrituras apostólicas, utilização de nomenclaturas como presbíteros e bispos, e a afirmação de serem os únicos detentores do carisma verdadeiro. O objetivo da produção cristã foi a identificação do gnosticismo como heresia, com base em uma tentativa de poder simbólico que as comunidades cristãs tentavam impor no século II com a justificativa da impossibilidade do conhecimento pleno de Deus.

²⁰ A obra escrita Hipólito intitulado como “*Confutação de todas as heresias*” apresentou uma demonstração de vertentes identificadas pela escola filosófica grega.

²¹ O autor escreveu a obra de refutação gnóstica intitulado como *Panarion*.

4 Considerações finais

Para concluir a análise desta pesquisa, buscamos demonstrar o contexto do surgimento da heresia, as discussões a respeito do termo. A partir da obra *Adversus Haereses* foi possível reconhecer o princípio das perseguições às heresias do pré-cristianismo, quando Ireneu de Lyon exerceu seu poder via tratados para catalogar o gnosticismo.

Demonstramos a origem do gnosticismo em Simão, o mago. Simão foi batizado no século I, todavia, sua trajetória é citada no final do século II para desqualificar a vertente de Valentim. Evidenciamos que o gnosticismo cristão partia da concepção de origem, do processo de eucaristia e salvação divergente do cristianismo. Desconsideram a matéria e enalteciam o espírito, a salvação baseava-se no conhecimento. Marcos foi considerado como o gnóstico perfeito, visto que suas práticas se assemelhavam à eucaristia, além de manusear o que impactou a unicidade do cristianismo.

O autor utilizou, através da escrita, o único poder simbólico existente no século II. A legitimação das comunidades cristãs nos séculos posteriores surgiu a partir das escrituras e tratados elaborados no seio cristão. Importante ressaltarmos que a heresia do pré-cristianismo era distinta dos séculos considerado heréticos no período medieval. Todavia, o termo na Antiguidade Tardia referia-se aos “falsos profetas”, a justificativa de Ireneu era de que o ensinamento pregado se desviava dos ensinamentos de Cristo e o conflito principal de Ireneu contra os gnósticos estava na justificativa de que Deus é incognoscível, sendo então, impossível seu conhecimento (IRENEU DE LIÃO, IV, 6,4).

O surgimento de novas vertentes no século II procedia de práticas discordantes do cristianismo, visto que, neste contexto, somente os padres, bispos ou presbíteros poderiam exercer as práticas cristãs, necessitando conhecer as ramificações da religião cristã para combatê-las. A obra de Ireneu de Lyon foi criada com este propósito e auxiliou Eusébio de Cesareia na identificação da heresia ariana no século IV.

Os objetivos de compreender o gnóstico via Ireneu e seu sistema de demonstração do gnosticismo, a partir da criação dos éons, resultando no surgimento

do pleroma, ou seja, na refutação de Ireneu o Pleroma era o último nível de salvação, o indivíduo que o atingisse se libertaria da matéria, no caso, o corpo.

Procuramos demonstrar que infelizmente o campo das heresias gnósticas é um campo pouco analisado no âmbito historiográfico, percebemos que a temática é analisada na área de teologia. Nesse sentido, o intuito da elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso é expor que o cristianismo determinou, a partir do poder simbólico, desde seus primórdios, quem poderia ser identificado como herético ou não, com base nas produções de tratados.

Referências

Fonte

IRENEU DE LIÃO. **Contra as Heresias**. Trad. Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

Bibliografia

BARROS, José D'Assunção. **Papas, Imperadores e Hereges na Idade Média**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

BARROS, J. Heresias: Considerações sobre a História de um conceito e sobre as discussões historiográficas em torno das Heresias Medievais. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 12, n. 21, p. 33-49, jan./jun. 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

CAMPOS, Ludimila Caliman. **O poder polarizado**: o mestre da fé apostólica na ekklesia "ortodoxa" a partir do *Contra as Heresias* de Ireneu de Lião. *Espírito Santo. Plêthos*, 2, 1, p. 131-150, 2012. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/revistaplethos/arquivos/vol2num1/10ludimila.pdf>> Acesso em 22/06/2019

COMBY, Jean. **Para ler a História da Igreja: Das origens ao século XV**. Trad. Maria Estela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993. p.50-80

CONT, Alessandro. **A antropologia de S. Ireneu como resposta à antropologia gnóstica**. 2017. 125f. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia) – Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/23860/1/TESE%20FINAL%20SET.%202017.pdf>> Acesso em 22/06/2019

EUSÉBIO DE CESARÉIA. **História Eclesiástica**. São Paulo: Paulus, 2000.

FALBEL, Nachman. **Heresias na Idade Média**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FRANGIOTTI, Roque. **História das Heresias (séculos I-VII)**: Conflitos Ideológicos dentro do Cristianismo. São Paulo: Paulus, 1995.

LAYTON, B. **As escrituras Gnósticas**. São Paulo: Loyola, 2002. p.5-21.

MENDES, D. De uma ética herética: a análise de um conceito político e religioso. **Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, Juiz de Fora, v. 22, n2, jul./dez. 2019, p. 21-32

MONDONI, Danilo. **O cristianismo na Antiguidade**. São Paulo: Loyola, 2014.

ROSA, Tiago Barros. O poder em Bourdieu e Foucault: considerações sobre o poder simbólico e o poder disciplinar. **Rev. Sem Aspas, Araraquara**, v.6, n.1, p. 3-12, jan./jun.2017. e-ISSN 2358-4238.

SANTOS, Márcio Gonçalves dos. **Processo de estigmatização dos gnosticismos em Contra as heresias de Ireneu de Lião**. 2009. p.132 Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2009. Disponível em: <http://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/pos-graduacao/ppgh/dissertacao_marcio-goncalves> Acesso em 22/06/2019

SANTOS, Pedro Alves dos. **Cristianismo e Gnosticimos: A Recepção de elementos do Helenismo Religioso**. Principia, 26, p. 1-19, 2013. Disponível em:<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/download/7678/5542>> Acesso em 22/06/2019

SCHMITT, Flávio. **Exclusividade e intolerância na Igreja Primitiva**. Estudos de Religião, v. 29, n. 1, p. 169-178 • jan.-jun. 2015. Disponível em:<<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/ER/article/view/5399>> Acesso em 22/06/2019.

SCHMITT, Jean-Claude. **Heresia**. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. Dicionário temático do ocidente medieval. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Edusc, 2006. p. 503. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/37215525/le-goff-jacques-schmitt-jean-claude-dicionario-tematico-do-ocidente-medieval-vol-1>> Acesso em 22/06/2019

STANZINI, Lays Silva. **Sucessão Apostólica, Refutação Heresiológica e Martírio no Contra as Heresias de Ireneu de Lyon e História eclesiástica de Eusébio de Cesaréia (Séculos II-IV)**. Revista Outras Fronteiras, Cuiabá - MT , vol. 2 , n. 2, jul/ dez., 2015 disponível em : <<http://ppghis.com/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/207>> Acesso em 22/06/2019

WAYNE, Paul. **Quando Nosso Mundo Se Tornou Cristão**. Trad. Marcos de Castro. s/L: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 2011. Disponível em: <<https://lelivros.love/book/download-livro-quando-o-nosso-mundo-se-tornou-cristao-paul-veyne-em-epub-mobi-e-pdf/>> Acesso em 06/2022.